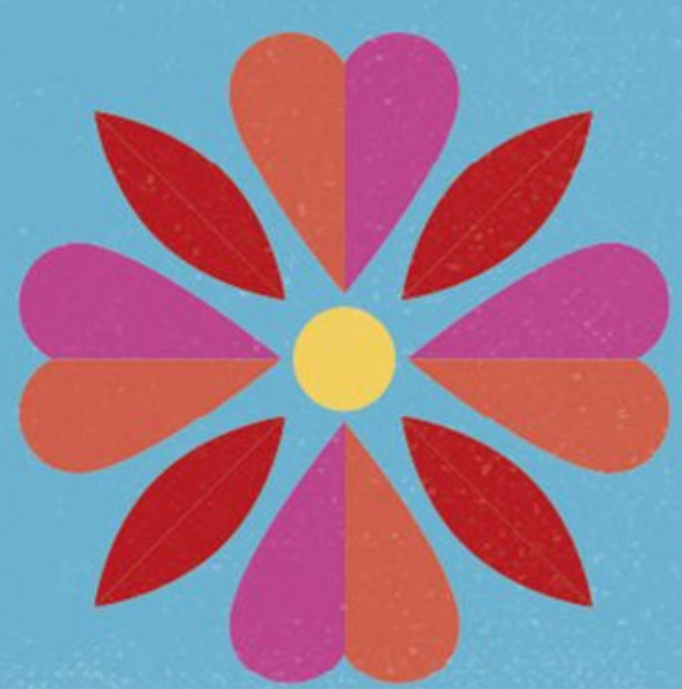


# JULIANA CIRQUEIRA



VIVENDO NAS  
*entrelinhas*



**JULIANA  
CIRQUEIRA**

**VIVENDO NAS**  
*entrelinhas*



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Juliana Cirqueira, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Andresa Vidal  
REVISÃO: Vivian Matsushita e Jean Xavier  
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial  
CAPA E ILUSTRAÇÃO: Filipa Damião Pinto (@filipa\_) | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

---

Cirqueira, Juliana  
Vivendo nas entrelinhas / Juliana Cirqueira. -- São Paulo: Planeta do  
Brasil, 2022.  
256 p.

ISBN 978-65-5535-640-3

1. Ficção brasileira I. Título

22-0934

CDD B869.3

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA





# CAPÍTULO 1

Era como uma névoa embaçando a minha visão.

Tive que piscar algumas vezes para fazer os olhos lacrimejarem e voltarem a ter foco. Era assim toda vez que eu tentava caprichar em um delineado nos olhos, especialmente se eu estivesse com pressa.

Estávamos ligeiramente atrasados para o churrasco na casa da Mel e do Thiago, e eu ainda não havia terminado a maquiagem. Não tinha o menor ânimo para festejar, mas sabia que precisava ir logo porque Guto já me esperava impacientemente na sala. É claro que, se eu estava me arrumando, era por causa dele, e Guto sabia bem disso. Sempre que eu podia, fugia da entediante tarefa de me maquiar. Não que eu não fosse vaidosa, mas raras eram as vezes em que eu queria me maquiar apenas para mim. Calcei as sandálias de plataforma, que me forçavam a manter uma boa postura, e saí do quarto com passos apressados.

— Prontinho, podemos ir! — falei, dando o meu melhor sorriso de desculpas. Eu sabia o quanto ele odiava se atrasar.

— Nossa, até que enfim! Está linda! Agora vamos logo, porque eu odeio me atrasar!

Minha resposta foi um revirar de olhos debochado, seguido de uma risadinha. *Eu sei.*

— Eles sempre olham torto para as pessoas que chegam atrasadas, você sabe.

— Claro que eu sei, me desculpe — respondi, rindo e jogando o cabelo para o lado.

Seguimos para a garagem enquanto eu digitava uma mensagem avisando que estávamos a caminho. Era engraçado como um simples churrasco no meio da semana conseguia me deixar tão ansiosa. Antes fosse uma ansiedade boa, daquelas que roubam sorrisos que tentamos esconder, mas essa era um sentimento de embrulhar o estômago e provocar dores de cabeça.

Eu não poderia culpar nossos amigos, eles não faziam ideia de como eu me sentia. Nem mesmo Guto, que tanto gostava de eventos sociais e festinhas. Eu só podia culpar a mim mesma e a minha mais recente falta de paciência e de tempo. Ultimamente, nada parecia importar mais do que dar conta do trabalho na escola e, nos intervalos, encontrar algum tempinho para descansar e esvaziar a mente.

*Como cheguei a esse ponto?*

— Está tudo bem? — Guto tirou os olhos da pista por um segundo e olhou para mim.

— Sim, tudo. Estava só pensando no trabalho.

Eu não tinha certeza se ele entendia a minha inquietude, pois nunca o vi, nem uma vez sequer, reclamar das horas extras que fazia no trabalho ou da papelada que levava para estudar em casa. Muito menos questionar sua escolha de carreira. Nunca conheci alguém tão determinado quanto ele. Sua certeza de tudo costumava me trazer segurança, principalmente quando eu tinha vontade de jogar tudo para o ar e fugir para as Filipinas.

*Claro que, se essa fosse realmente uma opção, eu nem estaria mais aqui.*

Entramos no condomínio e, enquanto Guto manobrava o carro na vaga de visitantes, eu tentava me recordar de uma conversa que havíamos tido cerca de seis anos antes, quando ainda namorávamos.

Ainda não nos conhecíamos tanto e, na época, eu tentava entender como ele havia conseguido ser tão prático na escolha que definiria toda a sua vida, sem nenhuma dúvida quanto a ser advogado; acho que, para ele, era “coisa de família”. Lembro que Guto apenas

me respondeu: “Você precisa pensar melhor nas coisas, Heloísa”. E, ao tentar me recordar do fim que levou essa conversa, percebo que meu rosto se aqueceu com a lembrança. Naquela época, nossas conversas muito frequentemente ficavam inacabadas, substituídas por outro tipo de comunicação.

Sobressaltei-me com a porta do carro abrindo.

— Vamos? — Guto me ofereceu a mão.



A música estava alta para o horário, sobretudo tratando-se da área de lazer de um condomínio, mas ninguém parecia incomodado. Olhei ao redor, tentando identificar traços de preocupação no rosto dos convidados, mas todos estavam distraídos, como se o amanhã estivesse fora do campo de visão.

Ah, mas o amanhã existia e, com ele, vinte e oito rostinhos juvenis me aguardavam às sete horas da manhã com a energia recarregada para mais um dia de: “tire os fones de ouvido”, “guarde o celular” e “vamos prestar atenção, turma!”, isso porque corria o boato de que eu tinha as melhores turmas. Não havia grandes problemas em minhas aulas, isso era verdade. Entretanto, circulavam histórias na sala dos professores sobre alunos que os desafiavam, com frases e atitudes agressivas, e até brigas feias entre alunos com as quais meus colegas não conseguiam lidar sozinhos; para esses casos, havia a coordenação e a pedagoga. Não que sempre funcionasse perfeitamente, mas era um último recurso. Ainda assim, no fim do dia, eu acreditava que a Educação havia sido a escolha certa.

Sacudi a cabeça para tirar da mente o assunto “trabalho”. Já era a segunda volta que eu dava sozinha em torno da área de lazer, bebericando uma taça de vinho que certamente me traria uma leve dor de cabeça no dia seguinte. Percebo que instintivamente me afastei do grupo de convidados e da música alta, então lancei um olhar ao redor procurando por Guto.

— Helô, vem pra cá, estamos falando de você! — Uma voz se sobrepôs à música.

Era Joana, esposa de Marcelo, uma morena de cabelos longos que sempre tentava me incluir nas conversas e brincadeiras. Ela também era advogada, trabalhava no mesmo escritório de Guto, e acho que era a única que percebia o meu distanciamento. Ou talvez, por não me conhecer há tanto tempo quanto as outras mulheres, ainda não havia se acostumado com meu jeito. Por mais que tentasse evitar, eu me perdia facilmente em pensamentos ou preocupações, especialmente nos últimos tempos, por isso me sentia tão grata pelos seus puxões para a realidade. Como botes salva-vidas, eu me agarrava a eles e voltava à superfície.

— Estou indo! — respondi, aproximando-me. — Quer dizer que estão falando mal de mim? — comentei entrando na brincadeira.

— Claro que não, meu amor! Nunca! — Guto me puxou para perto, rindo. — Estávamos falando sobre como você é uma santa!

— Ah, então vocês estão mesmo falando mal de mim, eu sabia! *Pensei que hoje eu passaria ilesa, mas, pelo visto, não.*

— É sério, Helô, você trabalha muito, por que não tenta um concurso público em outra área? Ou poderia cursar Direito, como já te falei! — Bianca disse, antes de dar um longo gole em sua cerveja.

A colega de Guto sempre insistia que eu deveria mudar de área, mas eu sabia que para ela só havia o Direito, já que todas as outras áreas que me sugeria estavam ligadas à advocacia. Será que ela não percebia? Mas não a condeno por acreditar que um salário alto e um terninho elegante me fariam uma pessoa mais feliz.

— De novo esse assunto, pessoal? — Joana interveio. — Que chatice!

— Ah! Nós já oferecemos várias vezes um cargo na empresa do Thiago, ela é uma teimosa! — Aproximou-se Mel, vindo da pequena cozinha da área de lazer, parecendo ignorar o comentário de Joana.

Na visão dos nossos amigos, eu só podia ser professora por *hobby*, falta de opção ou teimosia. Não passava pela cabeça deles que eu *queria* dar aulas de História, que eu escolhi fazer isso.



Apesar disso, eu sentia um carinho involuntário por aquelas pessoas, que nos acolheram desde que mudamos para essa cidade. Havia me acostumado com os amigos de trabalho do Guto, e sabia que estavam apenas brincando, mas nunca era sem um aperto no peito que eu constatava quão pouco sabiam sobre mim.

Em algum momento, talvez quando eu era criança, tenha me imaginado em uma profissão corporativa, indo para um escritório, participando de *happy hours* como esse com a “galera do trabalho”, talvez até usando um terninho. É engraçado como as nossas opiniões mudam. Mesmo conseguindo entender por que os amigos de Guto, e ele próprio, escolheram a vida corporativa, trabalhando em escritórios de advocacia, engenharia ou administrando seus próprios negócios, isso nunca fez com que eu almejasse o mesmo para mim.

Encontros como este só ressaltavam o quanto eu me sentia uma intrusa.





## CAPÍTULO 2

Voltamos para casa à uma e meia da manhã.

A noite correu como tantas outras: o zumbido das vozes que tentavam se sobrepôr ao som da música alta; o cheiro abafado que nos rodeava, um misto de brasa de churrasco, cigarro, odor de bebida e suor; pensar naquilo me deixava tonta. Talvez fosse apenas uma fase, tenho certeza de que não me incomodava tanto assim antes, ou talvez eu tivesse mudado. Ou só tivesse me tornado uma chata, o que era mais provável.

Uma coisa a minha consciência me garantia: se eu tivesse bebido mais do que uma taça de vinho, a festa ressoaria a noite toda nos meus sonhos.

Acordei pouco antes de o sol nascer, o quarto escuro como de costume, mas à medida que eu me arrumava e andava de lá para cá pela casa, feixes de luz começavam a surgir, invadindo o ambiente. Fiz o café e enchi a minha garrafa térmica, afinal, eu precisaria de muita cafeína durante o dia. Além do que, se existe uma coisa que nunca é de mais, é o café. Deixei um pouco em outra garrafa para o Guto e voltei ao quarto para me despedir.

— Amor, estou indo, tá? — falei baixinho, acariciando seu rosto.

— Uhum — ele murmurou, abrindo levemente os olhos. — Bom trabalho!